

# A MUDANÇA NOS MEIOS DE VIDA DAS FAMÍLIAS DE PEDRA NEGRA ATINGIDAS PELA CONSTRUÇÃO DA UHE FUNIL

Natan Ferreira de Carvalho  
Douglas Mansur da Silva

## 1. INTRODUÇÃO

O barramento do Rio Grande, localizado na divisa dos municípios de Lavras e Perdões, na região do Campo das Vertentes do estado de Minas Gerais, visando a formação do reservatório da Usina Hidrelétrica do Funil – uma parceria entre a VALE (51% de participação) e a CEMIG (49% de participação) – no ano de 2002, provocou a inundação de uma área de aproximadamente 34,71km<sup>2</sup>, inundando áreas dos municípios supracitados, além de parte dos municípios de Bom Sucesso, Ijaci, Itumirim e Ibituruna.

Este era o lugar onde moravam várias famílias que, ao longo dos anos, foram construindo seus meios de vida - era ali que elas trabalhavam, plantavam, colhiam, rezavam, se divertiam, etc. – mas que tiveram de ser relocaladas para a construção da referida usina hidrelétrica. Esta atingiu diretamente as comunidades de Macaia, Ponte do Funil e Pedra Negra, que escolhemos como objeto de estudo por ter sido uma das mais afetadas pela construção da usina. Pedra Negra era composta por 87 residências – 10 de proprietários rurais, 10 de ranchos de passeio e pesca, 32 de aposentados e 35 de trabalhadores rurais sendo que destes, 20 moravam como agregados. Era uma comunidade tipicamente rural, que vivia às margens do Rio Grande, em um local de difícil acesso, onde a maioria da população trabalhava na “panha de café” e em outros serviços rurais nas grandes fazendas da região que empregavam famílias inteiras, inclusive as crianças que começavam cedo a ajudar os pais no trabalho na lavoura (Lopes, 2011).

A comunidade ribeirinha se acostumou a viver perto do rio, usufruindo das terras férteis que acompanhava o seu leito, das suas praias, suas águas, os peixes, a mata que o acompanhava e lhe dava ainda mais vida;

enfim, construíram suas vidas junto à dinâmica do rio. No entanto, toda essa dinâmica social foi significativamente alterada a partir da construção da UHE Funil, que provocou o reassentamento das famílias de Pedra Negra para um bairro urbano da cidade de Ijaci, um lugar com características socioambientais bastante distintas das que estavam acostumados a viver até então e que, como não poderia deixar de ser, provocou alterações significativas nos seus meios de vida.

Neste sentido, a dissertação teve como objetivo compreender a mudança nos meios de vida das famílias do bairro Pedra Negra atingidas pela construção da Usina Hidrelétrica do Funil. A pesquisa se desenvolveu com o intuito de analisar quais eram os recursos e estratégias de vida acionadas por estas famílias antes da construção da usina e quais foram os recursos e estratégias acionadas por elas após a construção do UHE, procurando perceber também o papel que os programas de compensação, na área socioeconômica, propostos pelo consórcio empreendedor, em decorrência do processo de licenciamento ambiental para a execução da obra, assumem dentro desta problemática.

## 2. METODOLOGIA

Partindo da ideia de que as discussões sobre métodos e técnicas de pesquisa somente adquirem relevância no contexto de orientações teóricas específicas e com base em problemas concretos, para a interpretação dos efeitos sociais da construção da UHE Funil por meio da análise das transformações nos meios de vida utilizados pelas famílias do bairro Pedra Negra, utilizou-se nesta pesquisa de métodos qualitativos e da escrita etnográfica, ambos legatários de uma tradição de estudos antropológicos.

Mais precisamente, a presente pesquisa utilizou-se dos métodos desenvolvidos pelos antropólogos pesquisadores da “Escola de Manchester”, da Inglaterra, que procuraram adequar o arsenal antropológico – baseado na coleta de dados microscópicos e detalhados – para a análise de processos de mudança social dentro das chamadas sociedades contempo-

râneas (Feldman-Bianco, 1987). Em particular, neste trabalho procuramos desenvolver a proposta de estudo de caso detalhado por meio da “análise situacional” (Van Velsen, 1987) do processo de mudança social vivido por estas famílias a partir da construção da usina.

Levando-se em conta o fato de que os meios de vida não são estáticos, fixos, mas se inserem em contextos de heterogeneidade social e se transformam ao longo da vida dos atores que buscam responder aos diversos fatores pelos quais estão expostos e que alteram seus meios de vida - como as mudanças provocadas por alterações climáticas, secas, enchentes, a perda de rendimentos por qualquer outra razão ou até mesmo por mudanças estruturais como as provocadas pela construção de uma UHE, como é o caso das famílias aqui estudadas - e tendo-se em conta a metodologia adotada, o presente estudo teve como foco o indivíduo em relações sociais concretas, mas sem perder de vista as implicações entre processos sociais em múltiplas escalas (local, regional, global).

Neste sentido, foi necessário a realização de uma pesquisa de campo mais intensa numa unidade de análise menor, para que se pudesse compreender melhor o comportamento concreto e a prática cotidiana de um número restrito de indivíduos (Ibid). Como argumenta Gomes (2007), a análise e a interpretação dentro de uma perspectiva de pesquisa qualitativa não têm como finalidade contar opiniões ou pessoas; seu foco principal é a exploração do conjunto de opiniões e representações sobre o tema a ser estudado.

Ao adotar uma postura mais qualitativa, procuramos seguir a tradição dos estudos etnográficos buscando a permanência junto às famílias do bairro Pedra Negra, vivenciando parcialmente suas experiências diárias, travando contatos e diálogos para tentar compreender os discursos, as práticas, ações, interações e estratégias assumidas pelos indivíduos, sem a pretensão de abarcar a totalidade de opiniões existentes entre as famílias em relação ao tema aqui estudado. Com isso, ao longo do ano de 2012, fizemos algumas visitas ao bairro de Ijaci, tendo permanecido lá por um período de tempo maior durante três momentos distintos: final de janeiro e início de fevereiro; final de julho e início de agosto e durante o mês de

novembro, períodos em que pude observar e vivenciar com maior intensidade o cotidiano daquelas famílias.

De forma complementar ao trabalho de campo, fizemos também uma consulta aos arquivos da Superintendência Regional de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Sul de Minas (SUPRAM - Sul de Minas), em Varginha, para analisar os documentos referentes à concessão do licenciamento ambiental do empreendimento. Além disso, realizamos também entrevistas semiestruturadas com alguns atingidos e com uma técnica que à época da construção da usina foi contratada pelo consórcio empreendedor para fazer o levantamento histórico e cultural das comunidades que seriam atingidas. Estas entrevistas, juntamente com a análise dos documentos, permitiram-nos observar como os meios de vida, em períodos de tempo diferentes, foram alterados e quais direções foram adotadas pelos atores, possibilitando um melhor entendimento dos processos macro-micro, dos eventos externos e internos, de forma interativa sobre a vida de determinados indivíduos em circunstâncias específicas, aspectos que Henbick (2007) aponta como fundamentais nos estudos acerca das mudanças dos meios de vida.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conceito de meios de vida vem sendo particularmente utilizado para analisar processos de desenvolvimento em países do terceiro mundo, principalmente no continente africano (Ellis, 2000), por meio da descrição e análise dos diferentes modos com que as pessoas constroem suas formas de vida. O termo, comumente utilizado em relação aos processos do mundo rural, geralmente aborda as diferentes combinações de recursos que a população rural possa utilizar localmente como estratégia para construir suas formas de reprodução social através do trabalho (agrícola e não-agrícola), redes sociais acionadas, conhecimento, tecnologia, emprego, utilização de recursos naturais e outras formas de obtenção de renda (Henbick, 2007).

No entanto, com o intuito de contrapor a limitada tendência de analisar os meios de vida simplesmente como emprego e ganho de salários

(formas de obtenção de renda), preferimos adotar uma interpretação mais ampla (holística) do termo, procurando relacionar a escolha dos diversos tipos de recursos utilizados pelos atores para garantirem suas vidas, com a visão de mundo que os orienta, uma vez que esta exerce influencia direta nestas escolhas. Neste sentido, a partir da análise do material coletado durante os trabalhos de campo, selecionamos três temas centrais que contemplam aqueles assuntos mais comentados entre os atingidos no que se refere ao processo de mudança por eles sofridos. Foram eles: o tema do Trabalho, o da Sociabilidade e o da Saúde.

Em relação ao trabalho, o que pudemos perceber foi que, apesar de serem consideradas como medidas suficientes para a implementação das UHEs e apesar da significativa quantidade de recursos investidos, nenhum dos programas de reativação econômica propostos pelo consórcio empreendedor se consolidaram como meios de vida para as famílias de Pedra Negra. Os principais motivos apontados pelos atingidos foram a falta de união e a dificuldade de se trabalhar coletivamente, que é uma premissa básica dos programas adotados. O que observamos durante o trabalho de campo foi que os atingidos não tinham o costume de trabalhar de forma coletiva, pelo menos na maneira como foi proposto pelas novas atividades. Esta forma coletiva de trabalho exige uma preparação e um treinamento prévio que parece não ter acontecido de maneira adequada. Além disso, constatamos que a grande maioria dos atingidos também não tinham condições financeiras suficientes que os permitissem disponibilizar o tempo necessário para se dedicarem aos projetos da forma com que estes exigiam.

No entanto, o que tentamos reafirmar é que o grande motivo da ineficiência destes projetos se deve à precariedade com que estes programas socioeconômicos são levados a cabo pelo consórcio empreendedor, que os planejam e os implementam sem a devida participação dos atingidos e sem levar em consideração os conhecimentos tradicionais dos mesmos, impondo uma racionalidade nova e muitas vezes incompatível com a cultura local. Um fator agravante desta ineficiência destes programas se deu pelo fato de que, depois da transferência para o bairro de Ijaci, devido à

impossibilidade de se plantar o seu próprio alimento, as famílias de Pedra Negra passaram cada vez mais a depender do dinheiro, da renda, para conseguir sustentar suas vidas, coisa que os programas de reativação econômica não conseguiram proporcionar.

Mas o trabalho também não pode ser visto apenas como um meio de se ganhar dinheiro, de se gerar renda, ele está relacionado a algo mais amplo, mais complexo, que tem haver com a própria realização do ser humano. É nesse sentido que podemos perceber a preferência dos atingidos pelos “serviços de roça”, como é o caso da panha do café que, juntamente com os trabalhos temporários - “bicos” - por eles realizados, constituem nos principais recursos acionados pelos atingidos na tentativa de garantir o sustento dos seus meios de vida.

Em relação ao tema da sociabilidade, o que pudemos perceber foi que a mudança da população rural de Pedra Negra para o bairro urbano da cidade de Ijaci provocou mudanças significativas na sociabilidade das famílias. A desunião entre os moradores, a falta de opções de lazer, o sentimento de insegurança e de falta de liberdade são todos processos que ocorreram, entre outros fatores, devido à forma com que a infraestrutura e a arquitetura do bairro foram planejadas e construídas.

No entanto, os atingidos não enfrentaram o processo de mudança de maneira pacífica, inativa, e apesar das várias dificuldades encontradas, conseguiram tecer estratégias que permitiram o desenvolvimento de ações que deram expressão a manifestações culturais tradicionais, como é o caso do fogão à lenha e da congada, e possibilitaram também a criação de coisas novas, como é o caso da rádio comunitária, ações que tiveram boa repercussão na cidade de Ijaci e que deram visibilidade às famílias de Pedra Negra.

Em relação à saúde, o deslocamento da população atingida para um novo local com características socioambientais completamente distintas levou as famílias de Pedra Negra a reelaborarem suas concepções de saúde e doença, bem como as formas tradicionais de cura por elas utilizadas. Como vimos a partir da fala dos atingidos, “o novo estilo de vida imposto pela cidade” – o tipo de trabalho exercido, de alimentação consumida, de

relação com o ambiente que os cerca, o tipo de lazer vivenciado, de sociabilidade estabelecida, etc. - e a maior facilidade de acesso aos serviços de saúde, provocaram a percepção do aumento do número de doenças e, conseqüentemente, do aumento em relação à frequência às consultas médicas e à utilização de medicamentos industrializados em detrimento da utilização de terapias populares, como é o caso da benzeção e do uso de plantas medicinais que, mesmo em menor número, ainda continuam sendo utilizados pelos moradores do bairro.

Outro fator interessante observado ao longo do capítulo foi a permanência do universo mágico que permeia a visão de mundo dos moradores de Pedra Negra e a forte influencia da religião em relação à concepção de saúde-doença dos atingidos, como é o caso da religião católica e da umbanda, presentes de maneira significativa tanto antes quanto depois da mudança, e da Igreja Evangélica, que angariou muitos adeptos do novo bairro de Ijaci e que se apresentou como um importante recurso utilizado pelos atingidos na tentativa de reestabelecer a ordem abalada pela construção da usina.

#### 4. CONCLUSÕES

É notório o fato de que muitos grupos sociais, como as famílias de Pedra Negra aqui estudadas, apesar de manejarem ricos ecossistemas, não apenas sofrem as conseqüências da falta de ações de desenvolvimento econômico e político que levem em consideração o seu modo de vida, como enfrentam a destruição/degradação dos recursos básicos que manejam por outros agentes sociais movidos por lógicas outras de relação com o ambiente. Neste cenário, a construção de usinas hidrelétrica, que representam a materialização do modelo hegemônico de desenvolvimento e progresso, passa a adquirir um caráter fundamental e a se apresentar como algo extremamente necessário para a manutenção do estilo de vida predominante na modernidade, impossibilitando a emergência de outras formas de desenvolvimento igualmente possíveis e, talvez, até mais adequados considerando-se as condições ecológicas e socioculturais dos lugares.

Neste processo, a ruptura da autonomia dos atingidos passa a assumir um estatuto de validade incontestável, uma vez que escapa totalmente do controle dos mesmos a possibilidade de decidir sobre seu próprio destino. A perda desta autonomia foi o principal aspecto observado entre as famílias de Pedra Negra, desde o instante em que tiveram que sair de suas casas para irem morar em um bairro urbano, até então estranho, essas famílias passaram a depender, primeiramente do consórcio empreendedor - dependiam do fornecimento de cesta básica, dos possíveis programas de reativação econômica, do passe de ônibus para poderem ir trabalhar, etc.-, mas também em relação ao mercado de forma mais geral, uma vez que, como comentamos, com a transferência do lugar de moradia, eles ficaram impossibilitados de continuar produzindo seu próprio alimento e passaram a depender cada vez mais do dinheiro para sobreviver. Mas a perda desta autonomia não está relacionada exclusivamente à questão da produção de alimentos, ela também se mostrou presente em relação aos espaços de sociabilidade e aos processos tradicionais de cura.

Neste sentido, o que se apreende a partir do presente estudo é a necessidade de se buscar um novo sentido de desenvolvimento, por meio de um modelo que leve em consideração a diversidade cultural e os saberes tradicionais, um modelo que se baseie em outra racionalidade e que seja capaz de nos impulsionar à busca de novos sentidos de civilização, novas compreensões teóricas e novas formas práticas de apropriação do mundo que torne possível a experiência de outras formas de existência igualmente legítimas e potencialmente presente nos lugares (Leff, 2001).

Por fim, penso que este trabalho contribuiu de alguma forma para reforçar a relevância de uma interpretação mais holística dos meios de vida, conceito este que vem sendo cada vez mais utilizado não só para a interpretação do desenvolvimento, como servindo também para subsidiar a implementação de ações que visam “sanar” as chamadas “externalidades” deste desenvolvimento. Mas mais que isso, penso que a abordagem dos meios de vida pode contribuir para o questionamento do próprio sentido deste desenvolvimento, pois, ao focar o seu olhar nas estratégias assumidas pelos próprios atingidos, possibilita outros atores externos como



o Estado (por meio de políticas públicas), a academia, Ongs e até mesmo os próprios movimentos sociais, a atuarem de forma consoante a essas estratégias, construindo, assim, outros modelos de desenvolvimento mais participativo e de “baixo para cima”.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ELLIS, F. *Rural Livelihoods and Diversity in Developing Countries*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- FELDMAN- BIANCO (org). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Método*, São Paulo: Global, 1987.
- GOMES, R. *Análise e Interpretação de Dados de Pesquisa Qualitativa*. In: MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org). *Pesquisa Social – teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 79-108.
- HENBICK, Paul et al. *Livelihoods and Landscapes: The people of Guquka and Koloni and thier Resources*. (org.) Hebinck, Paul and Lent, C. Peter. Leinden. Brill, Leidein, Boston, 2007.
- LEFF, Enrique. *Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- LOPES, Alcione. *Diagnóstico sócio-artístico cultural de Pedra Negra*. 2011 (no prelo).
- VAN VELSEN, J. A Análise Situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: Feldman-Bianco (org). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Método*, São Paulo: Global, 1987.

---

Agência Financiadora da Pesquisa: Capes.

Banca: Douglas Mansur da Silva, Marcelo Leles Romarco de Oliveira e Marcelo José Oliveira